

Bio Beatriz Carneiro

Um dia, sem saber o porquê, cismou que precisava ver como se tira a pele de uma vaca. Seria mais uma cena teatral na sua vida e na sua obra, ambas carregadas de influências surrealistas. Ligou para todos os matadouros da França pedindo para ser recebida. Recusaram-se a atender tão estranho pedido. Foi um açougueiro tradicional da Suíça, profissão herdada de pai para filho por várias gerações, quem se mostrou honrado com o seu súbito interesse. Que ela aguardasse três meses. Quando a vaca estivesse madura, ele a procuraria. Beatriz Carneiro, em seu ateliê impregnado de tempo, reflexão filosófica e maturação artística, esperou.

Recebido o telefonema – “Vou matá-la amanhã” –, a artista plástica brasileira e naturalizada suíça colocou no carro seus aparelhos fotográficos e saiu em descoberta do mundo fractal. Dentro da vaca, revelado por uma faca surpreendentemente pequena, estava o espelho do mundo, formas conhecidas da natureza que o homem, inconscientemente, reproduz em objetos. Dentro da cápsula que protegia os órgãos estavam “espaços microcósmicos / formas vegetais / ensangüentadas plantas marítimas / algas-tripas / estômagos-medusas / veias / pedras-vísceras”. Seis anos depois, já no Brasil, estaria tudo também dentro de um poema, fronteira da linguagem brincando com o mundo do sensível, aquele que não é atingido pela palavra.

A partir da descoberta do açougue, não parou mais de se interessar por peles curtidas, superfícies, falsos semblantes, imagens que parecem ser o que não são. Formada pela *Haute Ecole d'Art et Design Geneve*, em Genebra, estudou pintura por seis anos com Nanette Bussat e escultura conceitual com Carmem Perrin, além de ter aprendido diversas técnicas como marouflages, gravura e linogravura. Seu trabalho corre das mãos para os olhos, numa busca tátil pela pulsão da arte onde técnicas tradicionais são atualizadas, misturando o antigo com o novo. Onde desenhos geométricos que parecem saídos do computador são pintados à mão e fotos analógicas são impressas digitalmente.

Instalação, pintura, escultura, fotografia e vídeo também combinam materiais orgânicos e industriais como o asfalto, usado por Beatriz para fazer bolos. Seus trabalhos também têm humor. Interessada pelo ritual afetivo do bolo caseiro, decidiu levar ao forno, em fôrmas antigas pinçadas em mercados de pulgas, a pele da rua, aquele piche que via, quando criança, cobrir com um cheiro estranho os paralelepípedos do Rio de Janeiro. Deu início a outra saga investigativa, buscando quem poderia assar bolos em usinas de asfalto. Mais uma vez foi muito bem recebida na Suíça, onde homens fortes levaram ao forno de mais de 250 graus os bolinhos que a empregada da sua vó costumava fazer – no lugar do fermento, desta vez, entraram na receita sofisticados grãos de asfalto. Nascia, em uma mesa com vários bolos de piche, uma instalação de pura memória do afeto brasileiro reinventado, agora com uma nova pele calcinada, asfalto que é ao mesmo tempo vida e morte, passado e presente recoberto.

São essas histórias, às vezes trazidas à luz do palco, às vezes mantidas nos bastidores, que conduzem as cenas de Beatriz. Pinceladas pela magia da psicanálise, dependentes do outro,

evidenciam um teatro já encerrado, com as cortinas abertas para o inconsciente de quem as olha e as reveste. São cenas para serem vividas por quem as vê, em contínuo desdobramento. As costuras entre elas, quase sociológicas, são coerentes para quem viveu, em Paris, no prédio onde morou Augusto Comte, transformado em museu pelo seu avô, Paulo Carneiro. Foi lá, num apartamento anexo ao museu do pai da sociologia, que Beatriz começou sua formação européia. Mas na bagagem já estavam o estudo da fotografia com Pedro de Moraes, os cursos de pintura no Parque Lage, a experiência com figurino e adereços dos filmes de Ruy Guerra (o primeiro deles, Ópera do Malandro, feito em parceria com a mãe, a figurinista Marília Carneiro) e um ano de *Art Students League*, em NY, onde estudou desenho.

Envolvendo tudo isso, como uma pele curtida em caldeirões franceses, o olhar de seu pai, o cineasta Mario Carneiro, nascido em Paris e apaixonado por Iberê Camargo. Beatriz nunca se esqueceu de como seu pai pedia sua opinião artística sobre tudo, mesmo quando ainda era uma criança. Costumava perguntar se determinada cena estava acabada. Às vezes estava, às vezes não. Mas as cenas, em geral, aprendeu com o tempo, nunca acabam.

Beatriz Carneiro nasceu em 13 de novembro de 1966, no Rio de Janeiro, cidade que adotou de volta há seis anos, depois de mais de quinze morando entre a Suíça e a França, onde se formou, deu aulas de desenho e História da Arte e realizou exposições. Atualmente mantém um ateliê no bairro do Santo Cristo, e anda atenta ao desejo vital da arte que parece pulsar mais forte nos trópicos.